



Marcelo Balaban (org.), **Instantâneos do Rio Antigo - Bastos Tigre**. Campinas, Mercado de Letras, 2003.

Uma pena ferina da belle époque carioca

'Instantâneos do Rio Antigo' traz as crônicas de um dos principais humoristas brasileiros

por *Elias Thomé Saliba*

Especial para o Estado Exerceu por muitos anos o ofício de bibliotecário, o que lhe rendeu o título de patrono dos bibliotecários do Brasil. Mas os publicitários bem que podiam reivindicar para ele o mesmo título, pois criou, desde 1908, slogans memoráveis para anúncios de inúmeros produtos:

"Fortifica quem o toma, quem o toma forte fica", refrão inventado para a campanha de um remédio fortificante; "Igual não há, melhor não pode haver", para a - recém-introduzida - aspirina; "Fidalga na Qualidade, popular no preço", incorporando o nome da cerveja Fidalga; "No vidro é remédio, no corpo é saúde", subtítulo de um peitoral que aliviava a "tosse comprida" das crianças; e finalmente, "Se É Bayer É Bom", refrão que seria, depois, inclusive, adotado internacionalmente pela multinacional farmacêutica. Se tal coisa fosse possível, também poderia ser considerado patrono do chamado teatro de revista, pois escreveu mais de 20 textos para o "teatro ligeiro", incluindo letras de marchinhas de carnaval e outras canções que fizeram sucesso - pelo menos até meados dos anos 1930.

Se os leitores ainda não adivinharam, estamos falando de Bastos Tigre, talvez um dos mais importantes humoristas brasileiros, que tem suas saborosas crônicas reunidas e publicadas em *Instantâneos do Rio Antigo* (Org., apresentação e notas de Marcelo Balaban, Mercado de Letras/Fapesp/ Cecult-Unicamp, 232 págs. R\$ 24). São 18 crônicas, originalmente dispersas em revistas dos anos de 1946 e 1947, nas quais Tigre, mistura um relato autobiográfico com sua memória pessoal dos amigos - resultando em divertidos instantâneos, flashes reveladores dos cenários cariocas da belle époque. O mote central é a recordação de Emílio de Menezes, o mais famoso piadista da época e líder nato da roda boêmia que freqüentava a Confeitaria Colombo e outros bares e cafés do Rio de Janeiro. Mas Menezes é apenas um pretexto para uma toda uma série de revelações curiosas e divertidas.

Tigre recorda, com simpatia, da figura de Lima Barreto, de quem foi muito próximo. Daí talvez o fato dele ficar à vontade e ser tão sincero na recordação do amigo: "A cor foi, para ele, a grande e pesada pedra no caminho (...). Junte-se a isso um pai doente mental, que o seu carinho de filho conservava em casa, transformando o seu lar em sítio de tristezas e preocupações"- a única solução era "fugir para a rua, para o fundo do boteco suburbano onde encontrava os personagens dos seus romances. Com eles confraternizava e bebia." Mas, como bom humorista, Tigre consegue sempre captar gotas de pitoresco que repontam mesmo nos dramas pessoais. Relembra que Lima Barreto era tão desleixado que mais parecia um mendigo. Certa vez, em agradecimento pelo elogio a um de seus contos, foi, sem nenhum aviso prévio, visitar o escritor Coelho Neto, que, entre muitas de suas manias, tinha a teimosia de não atender ninguém quando escrevia. "É um tal Barreto, com aparência de indigente", anunciou a empregada. Sem saber de quem se tratava, Coelho Neto mandou expulsá-lo, ganhando talvez seu maior inimigo literário. Já nas rodinhas de amigos na Confeitaria Colombo o tom geral era dado pela língua ferina de Emílio de Menezes. Osório Duque Estrada vivia passando pela roda da Confeitaria Colombo, ouvia as piadas e as boutades de Emílio, do próprio Bastos Tigre ou de Antonio Torres - outro satírico incorrigível -, anotando-as cuidadosamente para depois colocá-las na sua crônica semanal. Quando Osório chegava, Emílio de Menezes, sussurrava aos amigos: "Chegou o Osório Tudo-Estraga, para a coleta do dia."

Escrevendo quase sempre sob o pseudônimo de D. Xiquote, em inúmeros jornais e e revistas semanais, Tigre foi um exímio criador de frases. (Veja quadro) Gostava, por exemplo, de subverter epitáfios que ele, jocosamente, costumava definir como "aquela inscrição tumular mostrando que as virtudes adquiridas pela morte possuem efeito retroativo". Imbatível nesta arte foi seu amigo Emílio de Menezes. Para um jovem poeta, tido, na época, como conquistador, mas reconhecido por causa de suas orelhas de uma asinina grandeza, perpetrou um que ficou famoso: "Morreu depois de uma sova;/ E como não tinha campa,/ De uma orelha fez a cova/ E da outra fez a tampa."

As crônicas de Bastos Tigre revelam uma nostalgia divertida da bonomia e da generosidade entre pessoas que se conheciam e que ainda experimentavam um tipo de sociabilidade que desapareceria, sobretudo depois da Guerra de 1914. Mas, também uma visão irônica e cheia de ceticismo em relação aos destinos dos País e da espécie de cidadania de segunda classe que estes humoristas experimentavam em tempos nos quais se desconhecia a hipocrisia do politicamente correto. Com formação transitória, a meio caminho da cultura parnasiana e simbolista do soneto - portanto com elevadíssimo domínio sobre os vocábulos, suas rimas e toda a complexa maquinaria verbal da língua -, Bastos Tigre foi um dos que mais desenvolveram seu talento lúdico, adaptando-o à concisão, à rapidez automática dos anúncios e versos musicais e ao nó acústico do trocadilho.

Seu nome foi, por três vezes, recusado para ingressar na Academia Brasileira de Letras. Nem precisava. Porque, afinal, Bastos Tigre virou patrono natural de bibliotecários, publicitários e revistógrafos. E, claro, de todos os humoristas brasileiros.

* Publicado em O Estado de São Paulo, 4 de janeiro de 2004.